

8 P2
MARIA O'NEILL

CARTAS
— DA —
GUERRA

VIVA A FRANÇA!

1318
Centro Tip. Colonial
L. Abegoaria, 27
LISBOA.

José Rodrigues Pires

LIVREIRO - ANTIQUÁRIO

R. 4 de Infanteria, 34 - 1.º Dto.

Telef. 65 02 55

LISBOA-3

N.º 3664

6665

MARIA O'NEILL



CARTAS DA GUERRA



VIVA A FRANÇA!



1916

CENTRO TYPOGRAPHICO COLONIAL

L. DA ABEGOARIA, 27 E 28

LISBOA

José da Costa Amerim

2
66665

CONFRA

217642

*A' memoria abençoada
do General J. A. Pereira d'Eça,
meu santo avô*

Foi tão ingênuo, altivo e puro sêr,
Que, atravessando largamente a vida,
A terminou sem bem a conhecer.
Foi cheio de bondade e de talento,
Comsigo austero, mas co'os outros não.
Olhando sempre o azul do Firmamento,
Passou na terra sem fitar o chão.

PROLOGO

Nasceu d'um sonho o modesto trabalho
Que lhes vou dar a lêr.

Lembram-me, os versos, cartas d'um baralho
Em que o mal é mexer.

Do primeiro soneto, que aqui vem,
Parte fi-la a dormir :

E, depois de acordar, achando-a bem,
Resolvi proseguir.

Um pintor meu amigo veio pedir-me,
Visto o espelho estar caro,
Versos que, n'uma placa, eu escreva e firme
Entre um desenho raro.

Accedi constrangida, receiando
Dar má conta de mim.

Eis o sonho. Acordada, fui andando.
Chegarei bem ao fim ?

Carta a Dyonisia

A Carlos Reis

Peza-me n'alma um fundo mar de magua !
Despedi-me e parti: sempre soffrendo,
Aqui cheguei e aqui te estou escrevendo
Co'o peito opresso e os olhos rasos d'agua.

Tenho o meu posto sobre uma alta fragua,
D'onde vastas campinas abrangendo
Procuro vêr aquillo que, não vendo,
Me cansa a paciencia: e a vista trago-a

Exhausta de sondar o insondavel.
Anceio por bater-me á luz do dia,
Alimentando este odio insaciavel

Que empresta ao braço a força do mais forte...
Não chores se eu morrer:— sente alegria
Pelas vidas que custa a minha morte.

Carta á familia

A Alberto Osorio de Castro

Já promptos para a lucta, na trincheira,
O coração sentindo a palpitar
E mostrando uma cara prasenteira,
'Speram cem homens ordem de avançar. .

Entre elles rebentou uma *ceifeira*
Que só poucos valentes quiz poupar,
Mas todos baralhou por tal maneira,
Que é difficil os vivos separar.

No anceio de livrar os que ainda restam
Da granada que o ar já vem cortando,
Lhes brada o capitão, cheio de fé:

—Por um momento, até vidas se emprestam
Erguei-vos e sahi! sou eu quem mando.
E' forçoso vencer! Mortos, de pé!

Carta á noiva

Ao conde de Sabugosa

Os meus olhos azues, que tu fitavas
Embevecida, ardente de paixão,
Deixaram de existir. Não te enganavas
Quando temias não os vêr mais. Não

Tendo agora já nada do que amavas,
E' dever renunciar á tua mão.
Nunca mais me olharás como me olhavas...
E eu quero tudo, menos compaixão.

Adeus, e para sempre, ó minha amada!
Nas trevas, que me cercam, tua imagem
Irá commigo á ultima viagem.

Não venhas vêr-me. Isso me desagrada.
Guarda-me na memoria até á morte
Como eu era ainda ha pouco:—bello e forte.

RESPOSTA

Os olhos, que perdêste e que eu amei,
Eram um lindo adorno, meu amado.
Se os meus perdido houvesse, não pensei
Que tudo entre nós dois fosse acabado.

A tua compaixão acceitarei.
Não me expulses, Virgilio, do teu lado.
Sem alma, triste e só, para onde irei?
Vê que cruel destino me has traçado!

Eu guiarei teus passos sobre a terra,
Tu guias a minh'alma, que possues.
Deus piedoso fechou-te olhos p'rá guerra

E abriu-mos n'alma eternamente azues !
Jà déste á patria quanto lhe devias.
O resto é meu. Serão felizes dias.

Carta a Maria

Ao Accacio Guimarães

Dôce Maria, eu voltarei, descansa...
Sinto na lucta arfar de gozo o peito.
Brilha-me n'alma a mais fulgente esp'rança
Com que, em sonhos, desperto, me deleito.

Tenho uma inabalavel confiança
Em quanto está por vir, e tudo acceito
Nésta certeza de que vence a França
E de tal gloria serei filho eleito.

Pensa, amôr, quanto int'resse ha n'este jogo
Pois que, sempre que sôa a voz de fogo,
E' raro não perder um companheiro.

O sangue ferve n'uma furia louca.
Para vinga-lo a nossa vida é pouca
E espalham-se odios pelo mundo inteiro.

*D'um sargento
a uma desconhecida*

A Alves Cardoso

Accuso a recepção do seu presente:
Cigarros bons, a camisola linda!
Quando chegou, havia frio ainda
E enverguei-a logo. Que excelente

O vinho fino é! A sua vinda
Fez delirar a fôrça combatente,
Poz-lhe no peito a sanha mais ardente,
Pois contra o mêdo as almas fracas blinda.

Não a conheço... e penso muito em vê-la!
Se ousasse, pediria o seu retrato,
Para, ao menos de longe, conhecê-la.

Se alguém me não matar, eu não me mato
E prometto, em signal de gratidão,
Que após a guerra irei beijar-lhe a mão.

Carta ao marido

A D. Maria A. Vaz de Carvalho

Meu coração, pungido, esphacelado
Te pede, meu amor, não luctes mais.
Volve depressa ao lar abandonado
Ai! lembra-te de mim e de teus pais.

Queme importa que o mundo ensanguentado
Por ambições mesquinhas, mas reaes
Seja d'este ou d'aquelle potentado,
Se tu, longe de mim, sem vida caes?

Oh! parte! deixa tudo, vem commigo
Buscar a paz distante d'esta terra.
Vem repousar no meu regaço amigo.

Vejo-te morto, f'rído, prisioneiro...
És só tu que me int'ressas nesta guerra
Porque vales bem mais que o mundo inteiro.

RESPOSTA

A D. Candida Ayres de Magalhães

Não sabes o que pedes, nem que affronta
Fizeste á minha honra de soldado.
A vida é cousa de pequena monta
P'ra quem defende este torrão sagrado.

Quando o soldado uma espingarda aponta,
Se sabe o seu mister, tem já matado;
Abriu com o inimigo larga conta:
E' vil quem retirar sem ter pagado.

A vida com vergonha é lamentavel,
Nunca a te-la me expunha por ninguem:
Seria dôr cruel sempre insanavel.

Tu mesma, cara amiga,—pensa bem —
Se eu comettesse esse erro irreparavel
Me olharias sem alma e com desdeni.

Carta ao irmão

A D. Adelaide Everard de Sousa Monteiro

Vou ser dentro em minutos fuzilada.
A vida nada vale: é tudo a morte
P'ra quem da terra já não espera nada
Que uma illusão lhe dê, que inda o conforto!

Eis a razão: muito ao longe, na estrada
Vi tropas nossas vir marchando ao norte.
Senti-me de repente desvairada
E sublevou-me o peito emoção forte.

Peguei n'uma bandeira tricolor
E fui, bem d'alto, desfralda-la ao vento.
Os nossos a saudaram com calor...

Foi porém vista d'este povo odiento...
Trouxeram-me de rastos á prisão
E leram-me a sentença. Adeus, irmão.

Carta d'um inimigo

A Rodrigo de Sousa Monteiro

Senhor tenente, a sua irmã pediu
Que lhe dissesse que, antes de expirar,
Teve ainda a ventura de soltar
Um Viva a Patria! que inimigos f'riu.

Que a não vendassem quiz, e conseguiu,
E, de cabeça erguida, altivo o olhar,
Nos pôde até final sempre affrôntar,
Pelo desdem cruel com que sorriu.

Cahiu no chão, varada pelas balas...
Eu envolvi na tricolor bandeira
O esbelto corpo da gentil Natalia.

Ordens tristes... mas ao executa-l'as
Gozei. Amortalhando essa trigueira,
Julguei amortalhar a heroica Italia!

Carta á mãe

Ao Visconde de Castilho

O' minha mãe, minha adorada mãe!
Como chamo por ti no soffrimento!
Como vòta p'ra ti meu pensamento,
Quando a minh'alma se não sente bem!

Quanta ternura um coração contém
Acorda ao nome teu, e novo alento
Me empresta, ao pronuncia-lo n'um lamento
Que o teu peito pressinta e mais ninguem.

Amputaram-me um braço... Faz-me falta.
Já não posso visar o inimigo.
Este desgosto enerva e sobressalta

Quem nunca recuou em qualquer p'rito.
Resta-me agora só para lutar
A penna que outra mão tem de empunhar.

Após um combate

A Antonio Corrêa d'Oliveira

É forçoso deitarmo-nos por terra
Sob as vivas rajadas da metralha.
Artilharia, és rainha na guerra,
A tua voz de morte horror espalha.

Na phalange inimiga em vão se aferra
Nos corações a esp'rança : tudo falha.
Sobre mortos e sangue, o olhar erra
Buscando inutilmente quem lhes valha.

E' forçoso passar sobre os que cahem
Para alcançar as linhas de reserva.
E, enquanto pragas dos seus labios sahem

Seus corpos são pisados como a herva.
Quem os guia bradou: «Um esforço mais!
Tambem ha retiradas triumphaes.»

Carta á Promettida

A Teixeira de Queiroz

«E' preciso atacar para vencer,
Heroes do Marne, Flandres, e d'Arras!»
Isto nos disse Joffre, e o fez ler
D'um modo que ferver o sangue faz.

Ninguem pensa que pode alli morrer,
E, embora nos chegassem novas más,
Ardeos no desejo de abater
Os *boches* vis, servindo-se de gaz

P'ra dizimar as tropas inimigas.
Eis triumpho o direito e liberdade!
Atrôam chufas, risos e çantigas...

Entre gritos de dôr, ais de saudade,
Eu escrevo-te a correr: «Annunciação,
Inda pulsa por ti meu coração».

A Gabriel da Fonseca

*Que se bate em França, onde
já recebeu merecidas distincções*

Tu, que deixaste os bens que disfrutavas
Em longinquas paragens tropicaes
Para levar á França, que prezavas,
N'esta grande batalha, um braço mais;

Tu, que mediste a empresa em que pensavas,
Vindo aqui despedir-te de teus pais,
Fôste ao tumulo d'elle, ella abraçavas,
Sentindo n'alma eccoar seus justos ais;

E's bem digno da terra em que nasceste.
Vi, com prazer, em cartas que escrevêste,
Que nada abalará tua vontade.

Por ti as nossas almas se commovem
E ante a tua cabeça loira e jovem
Descobrem-se as dos velhos com vaidade.

*A uma enfermeira
da Cruz Vermelha*

A Anthero de Figueiredo

Tenho uma grande pena, terna amiga,
De tão depressa ter convalescido,
Pois o tempo melhor que tenho tido
Passei-o na ambulancia. Nem a intriga,

Que em volta nos teceram, tem podido
Entibiar-lhe a lembrança. O que nos liga
Tem tal valor, que tudo quanto diga
Muito áquem fica do por nós sentido.

Mas não fallemos mais. Em breves dias
Minha mãe vai pedir a sua mão.
Respondo assim a tantas arrelias

Com que tentam turbar-me o coração.
Não temo opposição de suas tias,
Mas o vomitar prompto do canhão.

Carta á irmã

A Xavier da Cunha

Tu chamas-me poltrão ? tu julgas isso ?
Pensas, ao vêr-me longe, poder mais ?
Pois tenho dado provas bem reaes
De que a mata-l'os nunca sou remisso.

Foi, pelo visto, na tal carta aos pais
Que d'aqui lhes mandou teu vil derriço,
Um cinco reis de gente, um araniço
Que ao dar tres passos se põe logo aos ais.

Vou-lhe quebrar as ventas de mansinho
P'ra lhe ensinar que vai por mau caminho
Andando a calumniar os camaradas.

Eu sei que em tudo crês e, se te enfadas,
E' que me tens deveras afeição...
Só por isso não mato esse ladrão!

Carta á mulher d'um valente

A Antonio Candido

Venho escrever-lhe porque seu marido
Morreu heroicamente na trincheira.
Quando o combate estava mais renhido,
Um hombro lhe quebraram, de maneira

A tornarem-n'ó inutil. Ressentido,
Disse, cahindo mesmo á minha beira:
—«O patife que o mal ha produzido
Atira, mas não tem a mão certa»

«Vem ajudar-me a erguer...rasga-me a farda.
Se para nada já serve a espingarda
Tenho olhos que ainda posso aproveitar.»

De joelhos se poz no parapeito
E o fôgo nos guiou tanto a preceito,
Que nem um tiro mais pôde falhar.

CONTINUAÇÃO

E sempre que de novo era attingido,
Dizia sorridente o nosso heroe :
«Parvos! A dôr não mata, apenas moe,
E eu tenho o corpo mais que empedernido.»

E pôz na informação tanto sentido,
Que ao inimigo a fôrça enfim destroe,
Bradando jubiloso: «Nada doe,
Visto servir melhor por ter cahido.»

Mas seu tronco, de balas tão crivado,
Foi f'rído em pleno peito d'esta vez:
Viveu e morto foi como um soldado.

Vergando ao proprio peso, inda exclamou:
—«Trinta *boches* não valem um francez...
Deram no alvo enfim ! Mas bem custou.»

D'uma carta para casa

A Henrique Lopes de Mendonça

«Vá, depressa ! a cavallo e de mão baixa»
Disse p'ra os homens que me acompanhavam.
E enquanto sobre a sella elles saltavam,
Transpondo a estrada como larga faixa,

O meu potro voou. Não o alcançavam.
Na senda em torcicollos, altibaixa,
Ora o não viam, ora o avistavam.
Elle acha que o seu brio se rebaixa

Se outro lhe passa á frente. E' impossivel
Deter o seu denodo na carreira.
Salvando tudo sob um fogo incrivel,

Trouxe-me illeso á bávara trincheira.
E aqui tens tu como um bom servidor,
Na mais nobre intenção, faz de traidor.

Carta d'um porta-bandeira á mulher

A Antonio Machado Santos

Soou p'ra mim a hora derradeira!
Morro novo e amado, em pleno dia...
Salvei de mãos estranhas a bandeira,
Honra da Patria que de mim se fia.

Se passares um dia á sua beira,
Lembra que o meu olhar, quando morria,
Se fitou n'ella por igual maneira
Que se fitava em ti quando vivia.

Ensina o nosso filho a respeita-la,
Dize-lhe que por ella a vida dei.
Como eu a amava, ambos haveis de ama-la.

Deus deu-me a morte que um heroe merece...
A vida vai-se... Adeus tudo que amei!
Quantas mais vidas dava... se as tivesse!

Carta a Pedro

A D. Emilia e Alberto Sousa Costa

Pedro amigo, em duas linhas,
N'uma tregua do combate,
Te envio noticias minhas.
Tocam sinos a rebate

E ao longe, por entre as vinhas,
D'uma nuvem de escarlata
Se erguem negras nuvemzinhas.
Parece-te um disparate ?

Pois pintei-te a situação:
E' um enorme brazeiro
Sob espessa escuridão.

Agoniza um artilheiro...
Á força d'isto se dar,
Eu continuo a fumar.

Carta á sogra

A Chagas Roquette

Chegou-lhe agora a ternura?
Vem a tempo, minha amiga...
Ha de inda ter a ventura
De não ter quem a desdiga.

Chamar á guerra amargura!
Amargura é rêde, intriga,
Tudo que má criatura
Tece por mal á formiga.

Ai!... se esta guerra não fôra,
Como estava perto alguém
Que a teria consumido...

A guerra, minha senhora,
As suas vantagens tem:
Leva muito mau marido...

Carta d'um Soldado

Ao Conde d'Azevedo da Silva

De granadas de mão encontro um saco!
Isto quando eu julgava nada haver...
Foi como se no ceu, chuvoso e opaco,
Um raio de sol lograsse ainda romper.

Foi como se, com fome, achasse um naco
De carne; ou agua, ancioso de a beber.
Foi como se me dessem bom tabaco
Após mezes e mezes de o não ter.

Parei e respirei. Orientei-me.
Percebi não estar longe o inimigo,
E de ir encomoda-lo deliciei-me.

Depois, por vêr o saco despejado,
E expulsa a fera do excellente abrigo,
Pensei: «Sem munições não ha soldado»

D'um aviador á sua amada

A D. Claudia de Campos

Minha loira, cá vou por esses ares,
Vigiando os progressos inimigos.
Vê que és injusta de me lamentares.
Lamenta os que combatem em jazigos

Ou que se degladiam pelos mares.
Dirás que arrostro bem maiores p'rigos,
Que, emquanto os outros têm bons abrigos,
Eu ando exposto a todos os olhares.

Só das modernas guerras esta é nobre
Porque é um jogo franco, não se encobre
E exalta o nosso esforço individual.

A propria morte é despenhar de estrella
E, se horrorisa toda a gente ao vê-la,
Não lembra uma agonia de animal.

Carta d'um impedido á noiva

A Candido de Figueiredo

Finou-se o capitão da bateria
Cobrando os nossos corações de lucto.
Não houve olhar que se quedasse enxuto
Ante um acto de tanta galhardia.

Tornou-se necessario um plano astuto
Para apresar canhões; e não havia
Senão um grande rasgo de ousadia
Que nos desse a victoria. E é tão bruto

O aspecto da morte quasi certa,
Que o silencio pezava sobre nós,
Quebrado apenas por longinquo álerta!

O nosso capitão, erguendo a voz,
Propôz: «Dêem-me dois cartuchos e eu vou.»
Partiu, luctou, venceu. . . mas não voltou.

CONTINUAÇÃO

Quando se despediu, eu, que chorava,
Perguntei-lhe que q'ria que fizesse,
Porque todas as ordens que me desse
Cumpri-l'as fielmente lhe jurava.

Commoveu-se e, enquanto me abraçava,
Como sabia que não sou refece,
Disse que a vida uma só vez fenece
E termina-la bem é que importava.

Entregou-me os seus modicos haveres
P'ra que os levasse aos seus, e murmurou:
«Não te esqueças de mim!» Depois seguiu...

Eis o motivo d'esta carta leres:
Ao sentir a explosão que o esphacelou,
Meu duro coração quasi partiu.

Carta d'um estudante ao pai

A Christovam Ayres

Eu sinto no meu peito a força d'um gigante,
A vontade impetuosa a que devo ceder.
Vou-me alistar, meu pai, mas d'hoje por diante,

Não serei preguiçoso, antes lhe vou escrever
Muito a miudo, creia. Aprove que um estudante
Deseje aprender bem *os modos de vencer*.

A minh'alma indignada, em funda raiva accessa,
Assiste desolada á vil destruição.
Sendo um rebento audaz da raça portugueza,
O sentimento em mim são lavas n'um vulcão.

Olhar sem combater tanta brutal fereza?
Como ovelha ao redil voltar ao Porto? Não!
Teria de torcer a propria natureza,
Teria de esmagar o proprio coração.

Mezes depois

A D. Branca de Gonta

Vivi intensamente: annos em poucos mezes.
O *triumpho da raça* é certo, não duvido.
Eu bati-me por ella. Ajudando os francezes,

Foi sempre Portugal que eu tive no sentido.
O sangue que eu verti por fim tão alto e nobre
Deus o aceitará... sabe que a Patria é pobre.

Como lhe disse, pai, ha tempos, n'uma carta,
Consciencioso estudei *os modos de vencer*.
De tanto os decorar minh'alma estava farta,
Passei, sem reparar, *aos modos de morrer*.

Assim, digo-lhe adeus, abraço a nossa Martha
E volvo alegremente ao seio do Eterno Ser.
Porém quero afirmar-lhe antes que ao longe parta:
Nunca o espirito meu se soube arrepender.

Carta de Champagne

A D. Maria Fernandes Costa

As horas do ataque. Nove e dez.
A nossa artilharia alonga o tiro...
Trememos todos da cabeça aos pés...
Eu julgo estar sonhando e não deliro.

Precipitam-se em ondas os bonés
Aos gritos de «avançar!» Já nem respiro.
Tantos mortos e sangue! Que revez!...
A esforço sobre esforço, a Gloria aspiro!

Tambores e clarins tocam á carga!
A' luz do sol scintillam as baionetas!
Ressôa a Marselheza alegremente.

Porém eu tive uma victoria amarga:
Entre os f'ridos trazidos nas carretas
Meupae vem morto: o corpo inda está quente!

Carta de Champagne

(Continuação)

A Fernandes Costa

Morreu heroicamente... Já não vive.
Foi preço da victoria que eu cantei.
Impetuoso pranto não retive
Nem me envergonho de dizer—chorei.

Mas, n'esta dôr, uma alegria tive:
Bem mais de treze, eu só por mim, matei!
Elle a vida estivo pelo que obtive
Das testemunhas a que perguntei.

F'rído, mas firme, altivo de alma e porte,
Dizia aos que o tentavam demover:
«Eu hei-de os combater além da morte.»

Marcou--me em taes palavras o dever.
Veio o projectil que o prostrou por terra...
Maldita seja a paz, eterna a guerra!

A proposito de Champagne

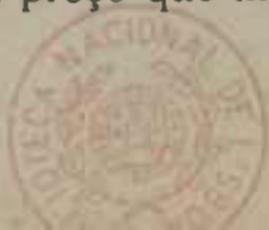
A Xavier de Carvalho

Pelo Direito e pela Liberdade
O vosso amado filho o braço ergueu.
Tendes motivo, pae, de ter vaidade
Por entre a dôr. Findou, mas não morreu.

Não morre quem, na juvenil idade,
Abnega do conforto que era seu,
E no impulso espontaneo da vontade,
Por uma nobre causa a vida deu.

Como um sublime exemplo de altivez
Seu bello nome ficará na historia
Emquanto houver na terra um portuguez.

E seja mais um incentivo forte
Para que os lusos, alcançando a gloria,
Não achem preço que lhe pague a morte.



66665

